quista de cada pedaço de liberdade. A imposição directa e violenta da liberdade, duma forma política liberal qualquer, por um Estado a outro, é um absurdo, pois seria contraproducente—ainda que fôssem sinceras as promessas...

Não acabemos sem uma pequena consolação. Anton Pannekoek, socialista alemão, escreve na *International Socialist Review:*

O verdadeiro tipo duma guerra imperialística reconhece-se por isto: Não irrompe por causa dum objectivo particular, mas provêm dos antagonismos gerais dos Estados. Tais antagonismos estão radicados na concorrência para conquistar ou defender a supremacia mundial, e esta luta pela hegemonia não é senão a luta de cada país para obter para os seus capitalistas colonias, contractos, esferas de influência e ocasiões favoráveis para emprêgo de capitais na A'sia e na África.

Cada país se sentiu por muito tempo ameaçado por outros, porque todos faziam preparativos hostis uns contra os outros. D'ai o imaginar-se cada um deles atacado pelos outros... Todos os alemães crêem com granítica firmeza que estão apenas empenhados numa guerra de defesa contra um impudente assalto da Rússia; em França e Inglaterra, fala-se da insaciável sêde de domínio da Alemanha, que desejaria conquistar a Europa. Ao mesmo tempo cada país cuida que está a proteger a civilização ou qualquer outra coisa sagrada contra os bárbaros estrangeiros, embora na realidade todos estejam a igual profundidade enterrados na barbari a capitalista, que implacàvelmente sacrifica riquezas e vidas humanas á supremacia mundial e aos interesses dos capitalistas.

UMA CARTA

O camarada Luíz Magrassi, a quem as ideas libertárias e a organização operária na Argentina e no Brazil devem cêrca de vinte anos de inteligente e frutuosa actividade, escreveu de Buenos Aires a um nosso camarada uma carta sôbre os acontecimentos actuais, da qual extraímos uma passagem como indicação de que pensam nesta emergência os nossos camaradas da Argentina.

•

Envio-te algumas revistas e jornais. Por êles poderás fazer uma idea do que aqui se pensa a respeito da guerra e das conseqüências desastrosas que nos trouxe, como aliás a todo o mundo. Aqui contam-se por centenas de milhar *os desocupados, e a maioria dos que teem ocupação, ou lhes foi rebaixado o salário, se são pagos por mês, ou trabalham apenas meio dia, se são jornaleiros.*

...A propaganda, apesar de tudo, não vai mal. *La Protesta* (1) agora está bastante bem.

O que lamento é que muitos camaradas europeus (2) e alguns daqui, poucos felizmente, tenham perdido a cabeça com a maldita guerra. Tu sabes que eu não sou dos mais intransigentes; sou, porêm, dos que pensam que estão em grave êrro aqueles d'entre os nossos camaradas que pegaram em armas para defender a *Triple Entente* (3). O nosso único papel no momento era apontar ao povo a razão das nossas prédicas contra o militarismo e a paz armada; que o inimigo da civilização não são os alemães, por muito selvagens que se tenham mostrado, mas sim o militarismo, o Estado e tôdas as suas instituições. Não devemos sujar as mãos sob o pretexto de defender a liberdade, a qual, contra o que diz Krapótkine, não é representada pela França nem pela Inglaterra, apesar do seu verniz democrático. Julgo que a base da nossa doutrina, o fundamento dela, é o internacionalismo, único meio de assegurar a paz e de nos conduzir á fraternização dos povos, e isso não se conseguirá fortalecendo com o nosso apoio qualquer nação ou grupo de nações, constituídas sob o domínio burguês. Se é verdade que os socialistas alemães não cumpriram o seu dever, isso não justifica que nas outras nações façamos o mesmo.

(Buenos Aires, 23-11-1914)

(1) *La Protesta*, como tôda a imprensa anarquista que temos visto, combate a atitude de Krapótkine.

(2) Os camaradas que, ao menos momentâneamente, abandonaram o critério anarquista são em todo caso uma pequena minoria.

(3) O pior não é ceder a êsse impulso, em silêncio: é, pegando ou não em armas por um Estado, procurar teorizar êsse acto sentimental, defender e espalhar a contradição e o confusionismo, chegando alguns a ridiculizar as «fórmulas» e os «dogmáticos» como costumam fazer os mais vulgares trânsfugas.

Os socialistas italianos e a guerra

O Seculo, aquela poderosa alavanca do progresso que vê diariamente a luz da publicidade ali para as bandas da antiga rua Formosa, não se contenta já com convencer-nos de que o povo português arde de impaciencia por verter o seu sangue pela causa dos aliados. Deu-lhe agora para nos impingir que o povo italiano pede em côro a guerra como as creanças pedem emulsão de Scott.

Nem ao de leve toca na oposição tenaz que as organisações operárias tem feito desde o começo da guerra á intervenção da Itália, oposição de resto bem conhecida e claramente definida em moções insofismaveis e que até em Portugal foram reproduzidas pela nossa *Aurora*.

Tampouco se refere á atitude altivamente intransigente que, em face da guerra, os anarquistas italianos tem sabido manter. E apenas, para que a coisa não seja muito calva, fala da atitude do partido socialista, nos seguintes termos:—

«E' certo que os chamados socialistas oficiais ou revolucionários pregam, no seu orgão, o *Avanti*, a neutralidade absoluta»; mas tambem é certo que hoje, em Italia, toda a gente percebeu que os socialistas do *Avanti* nada mais querem do que proclamar, com a manutenção da neutralidade absoluta, a falência dos partidos burgueses, e, assim, atingir em cheio o proprio regimen!...

No entanto, porque a sua estranha atitude é *essencialmente politica*, á sua acção não corresponde a opinião popular e até uma forte minoria dos mesmos socialistas oficiais ou revolucionários.

Benito Mussolini, por exemplo, que ainda ha pouco era director do *Avanti*, abandonou o seu cargo para fundar o *Popolo d'Italia*, onde, penitenciando-se dos seus erros (Mussolini chegara, por disciplina partidaria (!), a aconselhar a neutralidade), defende agora, com brilho, a imediata colaboração da Italia com as nações da Triple-*Entente*.

Benito Mussolini, um lutador com larga folha de serviços, ardente e apaixonado, com indiscutivel influência nas massas proletárias, foi expulso do partido. E' verdade. A sua corajosa atitude marcou, porém, uma cisão grave no partido socialista oficial e intensificou, entre o operariado, o movimento de opinião, que se agita em toda a Italia, em pról da guerra á Austria.

«A luta—diz Mussolini num dos seus artigos, na sua prosa bárbara, escrita sem arrebiques, com a energia nervosa dum autentico revolucionário—é entre a Liberdade e a Reacção. O dever indeclinavel de todo o socialista, que não é hipócrita, medroso ou estupido, é combater pela liberdade.»

E' claro que nós não temos procuração do *Avanti*, orgão do partido socialista italiano, para o defendermos dos parvos ataques do *Seculo;* mas o que é inegavel é que o *Avanti* combatendo a intervenção da Itália na guerra envereda *pelo único caminho* compativel com o ideal socialista que se propôz defender, honrando assim, no meio da derrocada do socialismo legalista e parlamentar, o partido que representa.

Quanto a Benito Mussolini, *esse lutador ardente e apaixondo*, em quem o *Seculo* tanto aprecia **agora** *a prosa barbara, escrita sem arrebiques, com a energia nervosa dum autêntico revolucionário*, ponhâmos as coisas nos seus logares e esclareçâmos um pouco...

Em primeiro logar não é verdade que Mussolini aconselhasse a neutralidade por disciplina partidária. Até certo ponto *admite-se* que Mussolini, sendo partidário da intervenção armada da Italia *não a aconselhasse e se calasse* para não levantar conflitos no seio do partido; e já é admitir muito...

Mas não foi isso o que se deu. Mussolini *não se calou, e até meiados de outubro foi êle o mais activo e denodado propagandista da neutralidade de Italia.* No momento de maior perigo para a França, quando os alemães estavam a dois passos de París, dizia Mussolini no *Avanti:*—«Trabalhadores italianos! aqueles que vos empurram para a guerra, atraiçoam-vos.»

E por essa mesma data, em passagens já transcritas pela *Aurora* mas que não resistimos á tentação de transcrever de novo, dizia êle:—

«Os governos burgueses procuram lançar sôbre os respectivos inimigos a tremenda responsabilidade primeira do conflito. Tudo isso é artificio, é mentira. São êles os responsáveis solidàriamente e solidàriamente deverão responder por êle perante a historia. . As responsabilidades primas e fundamentais da guerra remontam ao actual sistema capitalista, baseado sôbre as rivalidades internas das classes, externas dos Estados .. O Partido Socialista confirma altamente a existência duma antitese profunda e insanável entre guerra e socialismo, pois que, prescindindo de outras razões formidáveis, a guerra representa a forma extrema, por ser forçada, da colaboração de classes.

(Do manifesto *Contra a guerra*, de 22 de Setembro).

Se, apesar da nossa tenaz oposição, a guerra vier, sofrê-la-hemos como a manifestação duma fôrça brutal que fomos incapazes de vencer, mas a despeito disso não desarmaremos jamais, jamais nos confundiremos com os nossos inimigos, pois só com essa condição será possivel retomar amanhã a nossa guerra.

A guerra não suprime só os partidos: aniquila os individuos. O Estado apropria-se dos individuos, como requisita os quadrúpedes. O homem deixa de ser, de sentir, de pensar; quem existe, sente, pensa por êle é o Estado... O proletariado pe de a sua autonomia de classe e o último residuo de liberdade, e perde o direito de escolha... E' terrivel! mas é tambem inaudito que subversivos desejem esta abolição da individualidade e da liberdade, isto é, desejem que o homem volte a ser uma pobre coisa submetida ao arbitrio dum poder criminoso e absurdo.

Seria por disciplina partidária que Mussolini faria estas declarações? E' preciso realmente que se seja dotado do descaramento e da má fé do *Seculo* para fazer semelhante afirmação!

E quanto ao *Popolo d'Italia*, novo orgão de Mussolini, é conveniente saber se que, segundo afirma o próprio director, se trata de uma especulação industrial, com capitais burgueses! capitais que de resto Mussolini não teria obtido se não tivesse mudado de opinião sôbre a guerra, combatendo o seu próprio partido.

Que contentes nos sentimos com os insultos do *Seculo*! Que Deus ou o Diabo nos livrem dos seus elogios. Safa!...

A. Q.

O batalhão dos lojistas

A direcção da Associação Comercial de Lojistas, de Lisboa, votou uma moção guerreira caricatural, que serve para mostrar melhor a falsidade de certos argumentos, como as caricaturas mostram melhor certas feições dos homens. Vejamos alguns considerandos.

Considerando que a tremenda convulsão da guerra europeia, que neste momento se desencadeia, exige o sacrificio de todos os povos para a sua mais rápida solução;

Considerando que nesse sacrificio se traduz a humanitária aspiração de uma paz duradoura, pelo aniquilamento do imperialismo, fonte de todas as ambições, de todas as violencias, de todos os perigos sociais...

Assim separados, não estão mal... Com efeito, o imperalismo, desenvolvido primeiro pela Inglaterra e pela França, mais tarde pela Alemanha, que chegou com bastante atraso e encontrou quase tudo ocupado, e ainda pela Rússia que se sente com apetite e robustez para continuar, é preciso que desapareça, para bem da paz e do progresso.

E para isso, o «sacrificio de todos os povos» seria bem empregado, ficando aliás muito aquêm da horrivel hecatombe presente, se se traduzisse numa revolução que arrancasse o imperialismo pela raiz, suprimindo o Capitalismo e os Estados.

Mas é que, para êsses lojistas imperialismo é só o alemão! Que raio de significação darão êles a tal palavra? Assim, dizem:

Considerando que sob a mesma bandeira da liberdade, sob o mesmo lema da justiça, a França, a Inglaterra e a Russia, numa aliança forte, procuram no campo de batalha abater para sempre o predominio do militarismo na Europa;

Considerando que a essas tres grandes nações, orgulho da civilização e do progresso, outras se teem unido no mesmo intuito generoso...

Três potencias militaristas e imperialistas, que lutam para conservar e alargar o seu predominio colonial, comercial e político, apresentadas gravemente como campiões da liberdade e da justiça, pugnando generosamente pelo aniquilamento do monstro militarista! A Rússia, orgulho da civilização e do progresso!

Veem depois os já batidos considerandos sôbre o dever e a necessidade da intervenção de Portugal. Entre êles, vem a afirmação de que os políticos portugueses asseguram ter a Inglaterra convidado Portugal a cooperar na guerra; mas é bem conhecida a campanha do sr. Brito Camacho, que garante não ter havido tal convite, fantasiado pela gente empenhada numa aventura perigosa.

Enfim: por amor das colónias e mais da liberdade, assim como—ai! não!—na esperança de «um futuro compensador, de expansão legítima e de progressos garantidos», tanto mais que o comércio português confraternizou com o comércio inglês, os lojistas lisboetas pedem guerra como pão para a boca; mas é guerra feita, está claro, com a pele dos outros, com a pele dos pobres trabalhadores, arrancada aliás de vários modos. . Não falam em constituírem êles um batalhão voluntário, que havia de ser cómico, todo de bacalhoeiros ventrudos. Pelo contrário: rirão do barrigudo Alpoim, que tôda gente troça sem lhe aceitar o conselho, e ficarão palitando os dentes.

Ameixas, só de conserva...

A' MARGEM

Filosofia de pé quebrado ..

O camarada que no *Agitador* tem a seu cargo a secção *E'cos e opiniões*, escrevia no ultimo número, não sabemos a proposito de quem:

«**Nova filosofia**. Após a descoberta do *sindicalismo se basta a si proprio*, surge nova definição da acção sindicalista: *Como homem sou anarquista, como trabalhador sou sindicalista.* Esta filosofia de pé quebrado, só de cerebros doentios. Como se concebe o dividir o homem do trabalhador? Tem graça e não ofende. Ora, valha-os um barro aos coices...»

Nunca pertencemos ao número daqueles que para justificar qualquer afirmação de princípios, ou para demonstrar o erro de qualquer adversário ou contendor, esgrimem uma linguagem digna de outra gente; mas, tambem, sempre que se nos deparam adversários que se servem de tais processos como *arma* ofensiva ou defensiva, respondêmos-lhes com o supremo despreso.

Posta a questão nestes termos vejamos a nosso individual modo de ver, de que lado está a razão.

Não se concebe dividir o homem do trabalhador?

Analisemos:

Um camarada passa em determinado sitio e a matulagem assalariada e açulada pelo caciquo local, representante legitimo do politico profissional, cobre com os mais degradantes epítetos que conceber se possam entre fera sanguinaria, malfeitor perigoso, parricida, salteador, etc., pelo simples facto desse camarada, com a propaganda anarquista, ter impedido os seus secretos designios.

Quem é o ofendido? O trabalhador ou o homem?

Indiscutivelmente o homem, o anarquista.

O camarada sente-se ofendido na sua dignidade, em consequencia da doutrina que propagandêa.

O camarada é escravo do industrial, contrata com êle como assalariado, como trabalhador Na oficina, fábrica ou atelier trabalham outros assalariados. Invocando qualquer futilidade, o explorador insulta-o chamando-lhe mau operario, mandrião; e, por esse facto despede-o.

Quem é o ofendido? o homem ou o trabalhador?

Evidentemente o trabalhador, o assalariado.

O que não se concebe, o que não se admite, é que o trabalhador pelo simples facto de o ser, perca a personalidade, isto é, que se transforme num orgão com uma unica e exclusiva função como que se agisse sob o imperio das leis biológicas.

E agora perguntamos nós, pois podemos estar erro, o que se é lamentavel não é humilhante:

O homem cuja missão atravez da existencia é delicada perde a individualidade quando passa a ser trabalhador? O homem social é, em substancia, o homem biológico? A missão do trabalhador mistura-se, liga-se, une-se por laços indissoluveis e indestructiveis á missão do homem, do individuo, por tal forma que jámais se possam separar uma da outra?

O trabalhador só porque o é, perde a personalidade moral?

Se assim é, francamente o confessamos, temos laborado num lamentavel erro; e reconhecido ficaremos a quem pelo seu muito saber e experiencia da vida nos elucide convenientemente. Enquanto porem nos não evidenciarem o equivoco em que permanecemos, continuaremos a ser, como o autor da filosofia de pé quebrado, como homem anarquista, como trabalhador, sindicalista.

Para fundamentar esta nossa opinião, baseamo-nos no que do anarquismo e sindicalismo temos assimilado.

A anarquia e o idial, é, por assim dizer, a nossa mais elevada aspiração; o sindicalismo é o meio de que nos servimos, é o método mais apropriado para a luta de classes, é, numa palavra, para a anarquia o que o braço é para o cerebro: é o movimento determinado pelo pensamento.

Al amico Branchi

Em o n.º 238 de *Tierra y Libertad* de Barcelona, vem publicada uma carta a desfazer más impressões, assinada pelo camarada Branchi Luigi, a proposito da comparticipação na guerra dos anarquistas italianos Até aqui nada ha que mereça reparos; mas o camarada Branchi, ao finalisar a missiva inumera os periódicos qne em Italia fazem propaganda contra a guerra, e para a sua leitura chama a atenção de um camarada andaluz e dos camaradas da «Aurora». Ora na «Aurora», salvo erro, fomos nós apenas quem se referiu aos *sovversivi guerraioli* e *guerrafondai* que eram ou se diziam anarquistas. Mas, valha a verdade, nós nunca suposemos que os amigos de Malatesta fossem dos que pregavam num manifesto a necessidade da comparticipação na guerra, e nem tal, nem coisa parecida, dissemos ou insinuamos.

Está, pois, quanto á «Aurora» equivocado o camarada Branchi; e sendo como é, seu leitor assíduo deve ter visto que a «Aurora tem publicado inumeros artigos traduzidos dos jornais que cita.

Compreende, Branchi Luigi?

GIORDANO BRUNO.

Coisas historicas

28 1913 — Realisa-se em Londres uma conferencia nacional dos marítimos, conferencia que tinha por fim tomarem-se resoluções de interesse para a respectiva classe.

29-1778 — Nasce Davy, notavel químico ingles a quem se devem importantes descobertas scientificas.

30-1896 — E' fusilado no campo de Bagunbayan, Manilla (Filipinas) o grande escritor José Rizal. Foi vitima das intrigas e das canalhices das gentes católicas e jesuiticas.

31-1892 — Em Londres publicava-se o primeiro número dum semanário anarquista com o titulo, *O Sino*.

JANEIRO

1-1913 — Efectua-se em Lisboa uma grande manifestação de protesto contra os atropelos de que foram vitimas os operários de Cullera (Espanha).

2-1913 — Os corticeiros de Almada votam a greve geral.

3-1901 — Por causa da propaganda das suas ideias, o Czar deporta para a Sibéria 35 socialistas revolucionários de Varsóvia...

Centro e Biblioteca de Estudos Sociais

No penultimo sabado 26 de Dezembro, realisou-se pelas 22 horas, a anunciada assembleia geral deste Centro para nomear a comissão administrativa para 1915 e resolver diversos assuntos, á qual presidiu o camarada Ilidio J. de Freitas, secretariado por Florindo d'Almeida e Deolindo Ferreira.

Ficou nomeada a seguinte Direcção: Camilo Rodrigues (Secretario) Americo Batista (tesoureiro) Ilidio José de Freitas, José Rodrigues e Joaquim Delfim Ferreira (vogais)

Tambem, entre diversos assuntos, foi resolvido ceder a mobilia pedida pelo Centro I. Propaganda Libertaria. E por ultimo, varios camaradas salientaram com palavras de inteira justiça a grande dedicação que Francisco Ferreiro de Souza vem dispensando ha anos ao Centro B. E. Sociais.